

Discurso e Design: Análise do Discurso como método para a pesquisa em Design

Discourse & Design: Analysis of Speech as a method for research in Design

Nilton G. Gamba Jr.
Ana Cláudia Sodré
Eliane Garcia
Érika Rodrigues

discurso, design, suporte, metodologia, análise

As discussões em torno da definição de linguagem narrativa e discurso são extensas e acompanham a trajetória histórica do campo do design. O <OMITIDO PARA REVISÃO CEGA> tem buscado uma metodologia de enfrentamento dessa questão tanto no âmbito da prática projetual como na pesquisa científica. Aqui demonstramos essas conexões a partir de um recorte específico: o método de Análise de Discurso.

discourse, design, support, methodology, analysis

The discussions surrounding the definition of language narrative and discourse are extensive and follow the historical trajectory of the field of design. The <OMITIDO PARA REVISÃO CEGA> have been searching a method of confronting this issue within the design practice and in scientific research. Here we demonstrate that connections from a specific crop: the Analysis of Discourse.

A primeira imagem de minha vida é uma cortina, branca, transparente, que pende – imóvel, creio – de uma janela que dá para um beco bastante triste e escuro. Essa cortina me aterroriza e me angustia: não como alguma coisa ameaçadora e desagradável, mas como algo cósmico. (...) O que aquela cortina me disse e me ensinou não admiti (e não admite) réplicas. (PASOLINI, 1990:126)

1 Uma introdução sobre o hibridismo

A epígrafe de Pasolini remete ao seu texto *Genairello* (Pasolini, 1990), no qual defende a noção da 'Linguagem Pedagógica das Coisas'. Definição cara aos estudos contemporâneos no campo do design por estar o autor preocupado em definir *linguagem* e *discurso* calcado em signos linguísticos mais contemporâneos, como a imagem e a sua materialidade. Em toda a sua obra, de maneira mais ampla, Pasolini vai desenvolver um embate com uma tradição de percepção de análise do discurso exclusivamente baseado na linguagem textual. Ele vai buscar no cinema o estudo da imagem e de seu hibridismo e, neles, uma nova *pedagogia*.

Pasolini descreve em *As últimas palavras de um herege* (Pasolini, 1989) que a sua opção pelo uso do dialeto friulano¹ na poesia e a posterior passagem da poesia para o cinema advêm de uma insatisfação com a hierarquia da visibilidade cultural da linguagem textual e simbólica em detrimento de uma linguagem imagética. O friulano representa, em um primeiro momento, um movimento ao mesmo tempo hermético e marginal que tenta se consolidar como um manifesto provocativo quanto à universalidade de certezas linguísticas. 'O tempo ia ensinar-me pouco a pouco a usar o dialeto como um instrumento de pesquisa objetiva, realista.' (PASOLINI, 1989:25). A opção pelo cinema surge adiante como desdobramento dessa proposta 'O cinema (...) não é uma linguagem nacional ou regional, mas sim transnacional' (Pasolini, 1989:25) e busca nele o hibridismo e a materialidade que vai ser o cerne de seu trabalho.

A dimensão *carnal* da linguagem que Pasolini evoca tem relação direta com essa insatisfação do engessamento da linguística exclusivamente textual e simbólica e que ele elucida de diversas formas: seja na apropriação do dialeto, 'O dialeto é para mim o meio de uma aproximação mais carnal com os homens da terra'; seja na escolha de um novo suporte, o cinema, 'O cinema me permite manter o contato com a realidade, um contato físico, carnal, eu diria, mesmo de ordem sensual'. (PASOLINI, 1989:25).

Pasolini enxerga no cinema o sinal de um tempo e uma linguagem que se coloca para o sujeito de uma forma inexoravelmente híbrida: 'Se não me engano, a primeira imagem-lembrança que tenho do cinematógrafo é um cartaz' (Pasolini, 1989:39). Um hibridismo que não só diz respeito a inúmeras linguagens presentes em um suporte, mas também ao consumo, leitura e implicação não apartada de vários suportes simultaneamente. Ele encontra então uma perspectiva compartilhada historicamente que enxerga no cinema um marco de uma revolução audiovisual e que impinge o hibridismo como questão inexorável do estudo da linguagem.

No entanto, para encontrar nesse hibridismo a justificativa quanto à interdependência da Análise do Discurso com o campo do Design – objetivo deste artigo –, é preciso antes esclarecer o uso feito aqui, e em concordância com os autores citados, dos conceitos de linguagem e discurso.

Linguagem e discurso

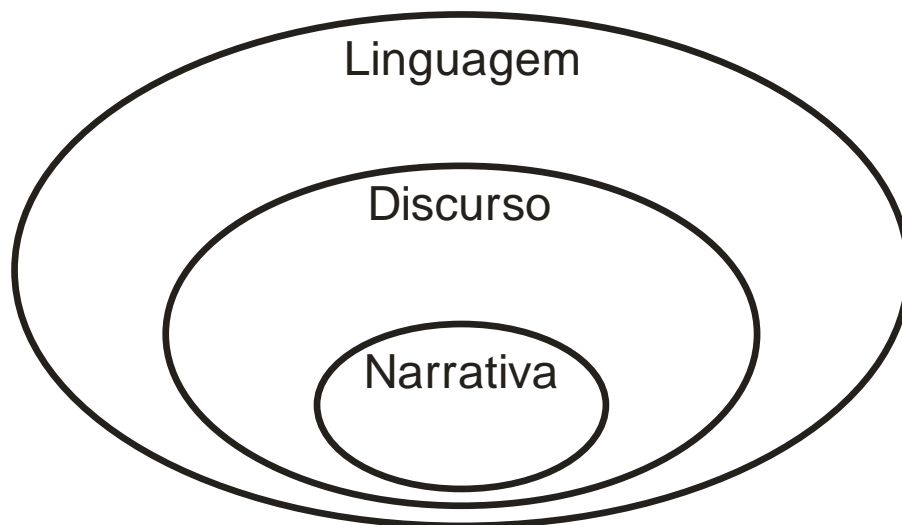
O <OMITIDO PARA REVISÃO CEGA>², desde sua criação, vem se preocupando com a definição de *narrativa* e, para tanto, também de seus substratos: a linguagem e o discurso. O ponto de partida para esse exercício foi encontrado na obra de Walter Benjamin e Lyotard. Benjamin, em *Doutrina das semelhanças* (Benjamin, 1996), faz um esforço filosófico de definir linguagem como *semelhança extrassensível*. Define-a como um conjunto de códigos compartilhados, organizados a partir da experiência primeva da semelhança. Esse compartilhamento ressurgiu na obra de Lyotard

¹ Friulano é o dialeto de Friuli, região onde nasceu a mãe de Pasolini. Embora não seja sua *língua* materna, ele aprende o dialeto por um interesse de *investigação arcaica* e como proposta de discutir a linguagem em seus poemas.

² <OMITIDO PARA REVISÃO CEGA>

como *vínculo social* da linguagem (e da cultura) e é usado para analisar a formulação de Wittgenstein de *jogos de linguagem*. Tanto Lyotard como Benjamin expandem a dimensão linguística em outra categoria de análise, os *enunciados discursivos*, que, de uma maneira geral, é a colocação da linguagem no contexto do uso, da prática.

A partir de reflexões sobre esses dois âmbitos de produção de sentido, ambos, Lyotard e Benjamin, chegam à preocupação com a narrativa. Benjamin a partir do narrador e Lyotard com as grandes metanarrativas. O objeto de estudo central do laboratório, a *narrativa* e/ou a *história* são modalidades discursivas específicas que podem ser analisadas por aspectos próprios. Assim, teríamos um diagrama que tenta resumir a condução dada aqui para o uso desses termos.



Para Lyotard, a dimensão plástica da linguagem (conjuntos de códigos compartilhados) define a natureza diversificada e plural dos discursos (usos dessas linguagens em um contexto com elaboração de sentidos complexos). E, para a narratologia, a narrativa seria um gênero ou modalidade do discurso que permite a criação do nexos causal, a relação inexorável com a matriz temporal e a estruturação de certos elementos específicos como personagem, trama, ritmo etc. Organizando então um esquema que definirá campos, áreas e métodos de observação que também pode ser descrito dessa forma:

Linguagem → Discurso → Narrativa

Assim, se podemos compreender como a Linguística ou a Semiótica dão conta dos estudos sobre linguagem e a Narratologia da pesquisa sobre a narrativa, a Análise do Discurso se coloca no meio dessas duas definições e se preocupa com a linguagem na implicação do uso, sem necessariamente trabalhar com elementos narrativos.

Essa cisão, como todo enunciado científico, é uma convenção de cunho analítico, por isso cabe também ressaltar que ela possui contradições intrínsecas e sobreposições que não a invalidam, pelo contrário, a colocam em diálogo com a reflexão científica contemporânea, que incorpora a taxonomia ou a definição de conceitos mais complexos não como universalidades essenciais, mas como um instrumental técnico de compreensão analítica.

Partindo então dessa definição, o foco deste artigo é refletir sobre a contribuição de ferramentas que se enquadrariam dentro da definição de Análise do Discurso. No entanto, tendo como premissa conceitual essa categorização, será impossível abordar o discurso sem perceber nele sua dimensão linguística e, também, as influências de uma cultura narrativa na estruturação de certos aspectos enunciativos, identificando então esse tipo de interpenetração:

Linguagem ↔ Discurso ↔ Narrativa

E, para além da contribuição direta quanto às categorias discursivas, a Análise do Discurso será sempre abordada como campo de emersão de questões relativas ao estudo da linguagem e também como ferramenta estrutural nos estudos sobre narrativa, demonstrando seu duplo vetor de contribuição.



O campo do Design

Se Pasolini coloca sua pedagogia material no objeto e a pesquisa de linguagem interligada a essa materialidade, já fica apontada a conexão do campo do design com os estudos contemporâneos sobre linguagem e discurso. Essa ligação pode ser observada de forma mais recorrente quando os autores demonstram o valor simbólico dos objetos ou o contexto de consumo enunciativo.

No entanto, a dimensão histórica da consolidação do campo e do próprio termo *Design* pode apontar uma premência de outra ordem, que é reconhecer o discurso (seja ele narrativo ou não) como função inalienável de um projeto, não apenas como função social inerente ao seu uso, mas como função mais direta e objetiva de seu repertório como objeto – aí incluímos objetos como a ilustração literária, a animação, os quadrinhos, a criação de personagens, a roteirização de games etc.

Ou seja, a dimensão discursiva de um objeto não se dá apenas no uso cultural que produz linguagens e discursos a todo tempo – como faz Pasolini com a imagem de sua cortina na epígrafe. Esse discurso também se consolidou paulatinamente como uma função explícita do repertório criativo do objeto e de suas funções primeiras – e não apenas secundariamente simbólicas. Onde, então, a autoria discursiva já tem um primeiro gesto na criação projetual e que depois interage com esse mercado de bens simbólicos, produzindo outros sentidos.

Pedro Luiz de Souza (SOUZA, 1997) remete à contribuição do Futurismo Russo para a noção de *cultura material*, que tem muito da reflexão de Pasolini e que se opõe ideologicamente à arte como um gesto *puro* típico da ascensão burguesa, e tenta forjar uma *arte produtiva* que é um marco para os primeiros passos do campo do design e que coloca essa possibilidade do estudo da estética ligado agora à função.

Assim, o embate entre forma e função, com suas diversas conduções, acaba por se revelar quase como a própria metadefinição do campo. Que, independente de escolhas e opções, se configura como resultado dessa tensão.

Mais à frente, Pedro Luiz aponta o nascimento do *discurso da forma* (SOUZA, 1997:55) como uma revalorização pelo design americano no pós-guerra de aspectos decorativos e puramente estéticos, que revelam um discurso próprio e o reconhecimento desse discurso como função. Independente das conexões dessa postura com o *styling* e outras questões da estética dessa época, o discurso começa a emergir como categoria inerente ao estudo do objeto e suas funções, até mesmo da estética. As consequências disso, segundo Souza, incluem a resposta de Ulm com seu currículo e sua interdisciplinaridade de viés científico – incluindo a sociologia e administração –, caminho para a elaboração a *posteriori* por Max Bense da noção de *estética informacional*, que seria determinada pela semiótica. A estética sofre então uma associação agora à informação (função basicamente linguística):

‘Os elementos da estética seriam essencialmente uma espécie particular de informação: a informação estética constituída em relação a uma fonte, que seria o repertório de elementos e meios materiais’ (SOUZA, 1997:68). E embora mais à frente essa postura aponte uma afirmação da autonomia do Design como linguagem, como recusa à sua dimensão metafórica, é ela que encontra também a noção de obra aberta na arte e na processualidade do design, que discorrem sobre a produção de sentido no uso e sua alteração na práxis projetual (SOUZA, 1997:71).

Já o contexto do Pós-Modernismo aproveita essas questões geradas pelo campo e as introduz em um espectro mais amplo de crítica do racionalismo e crítica da razão. Lyotard entende que a linguagem incorpora sua dimensão híbrida e plástica, assumindo, mesmo ao nível do discurso, uma relação enunciativa que o relativiza e, por conseguinte, também relativiza as fronteiras da produção de conhecimento.

É essa condição pós-moderna delineada por Lyotard que Souza encontra na obra de Octavio Paz, operando os dois movimentos apontados no início desse tópico:

‘...configuração de modelos que integram arte, design e arquitetura nos circuitos de produção e consumo da sociedade industrial, seja como objeto ou como notícia. Novamente, como diz Octavio Paz, pelo primeiro se forma a verdadeira significação da obra e seu preço, pelo segundo, não se leva em conta o que essa obra diz, mas o que se diz sobre ela.’ (SOUZA, 1997:78).

Ou seja, o discurso como função implícita no objeto e os discursos produzidos pela cultura a partir desses objetos. E complementa que ‘a idéia de combinação, conjunção, dispersão e reunião de linguagens, espaços e tempos parece mais atraente’ (SOUZA, 1997:79), falando do design pós-moderno, em que a mídia digital, a arte sequencial, a complexidade da noção de interface e os processos interativos consolidam a relevância do discurso para o campo.

Quanto ao estudo da linguagem, é fácil identificar a imagem na ontologia do Design, já o texto, embora sempre estivesse presente como matéria-prima, por vezes é visto como mero suporte de produção de teoria ou abordado ainda exclusivamente pela sua função imagética (tipografia, mancha gráfica, diagramação). No entanto, quando, nesse fluxo histórico, a discussão sobre legibilidade, por exemplo, sai do registro do funcionalismo e chega à dimensão pós-moderna de subversão, demonstra – paradoxalmente – a preocupação permanente com o código básico da leitura textual, que apenas ganha mais evidência, quando se pensa em um panorama do esfumaçamento de fronteiras entre suportes e linguagens. Um tempo no qual se percebe não só a leitura do texto como imagem, mas a condição inalienável da leitura da imagem como produtora de textos.

A literariedade atinge um *modus operandi* que influencia uma cultura letrada na percepção e na relação com qualquer linguagem, assim também a força das especificidades da linguagem imagética atravessa o texto, inexoravelmente imerso na sua dimensão de imagem. Não querendo se opor às especificidades geradas por ambas as linguagens, a pós-modernidade quer, na verdade, lidar com sua mútua interdependência e a mescla de sua fenomenologia no ato em si, ou seja, na cultura – originariamente híbrida.

O Currículo do curso de Design da <OMITIDO PARA REVISÃO CEGA>, por exemplo, tem sido um caso da clarificação dessa demanda. Disciplinas ligadas à língua portuguesa e outras voltadas à narrativa, roteirização textual e/ou imagética são introduzidas como necessidades de novas habilitações, como a Mídia Digital, e contribuem para a reelaboração de cursos antigos, como o de Comunicação Visual. O laboratório <OMITIDO PARA REVISÃO CEGA> vem então ao encontro dessa preocupação em pesquisar os laços entre discurso em Design como maneira de sedimentar – como objetivo final – os estudos sobre a narrativa.

Discurso e ciência

Se há as especificidades mencionadas acima entre a Análise do Discurso e o estudo do Design, ainda podemos desenvolver essa relação pelo viés da pesquisa científica – em um âmbito mais abrangente –, que, a partir da noção de pós-moderno, se vincula à noção de convenção discursiva, à produção de enunciados e, portanto, é relativizada pelos limites da linguagem.

Voltamos então a Lyotard e sua relação com a dinâmica dos *jogos de linguagem* que atravessa toda produção de sentido, incluindo a produção científica. Especialmente na área de ciências humanas, fica explícita a relação da ciência com sua empiria e sua tradução pelos métodos teóricos – simbólicos e enunciativos. Lyotard entende a produção de conhecimento pós-moderna como a consciência da metacognição e, para tanto, da linguagem como fenômeno. Por isso, o grande esforço da ciência desta época será colocar o conhecimento produzido por ela em diálogo com a sua matéria-prima, os discursos, dando a ela então uma relativização inaugural e uma dimensão política e ideológica original. Lyotard expande a filosofia da linguagem de

Wittgenstein para implicações ideológicas dessa nova consciência. O autor mostra que a relativização proposta pela lucidez em relação à linguagem não coloca a ciência em xeque quanto à sua legitimação, apenas propõe novos critérios que terão que ser adaptados a essa nova visão. Critérios esses que incluem um novo instrumental técnico e teórico e novos métodos de avaliação. Métodos e processos que não enxergarão imprecisão no dado qualitativo – em oposição a um dado quantitativo –, que não perceberão na noção de *incomensurável* uma impossibilidade para a produção teórica e que enxergarão a empiria de forma mais plástica, não para anular seus dados, mas para reavaliá-los.

É nesse contexto de produção de conhecimento – pós-moderno – que avaliamos então que a Análise do Discurso, além de ser um instrumento técnico de análise do campo de uma pesquisa, é também, muitas vezes, a estrutura de uma etapa anterior de pesquisa: o levantamento bibliográfico e a definição do referencial teórico. Pressupondo as noções e os conceitos difundidos pela teoria como discursos, a análise de suas relações, oposições ou sobreposições, são muitas vezes exercícios de Análise do Discurso de autores teóricos, que, em vez de meras citações enrijecidas, têm seus textos avaliados como discursos espaço-temporais, com dinâmicas psicossociais e sem uma neutralidade absoluta.

Assim, tanto na especificidade do campo, como no próprio cerne da reflexão teórica na pós-modernidade, a Análise do Discurso se oferece como método para a produção científica.

2 Análise do Discurso

Um método

Elaborada então uma primeira definição de discurso, balizando o mesmo com as definições contíguas de linguagem e narrativa, observa-se que são muitas as abordagens quanto à Análise do Discurso e diferentes são os instrumentos utilizados. O próprio esforço de produzir métodos nessa área ajuda a redefinir o conceito e propõe novos desafios. No presente estudo, opta-se pela obra de Eni P. Orlandi justamente pela afinidade de sua reflexão com a definição apresentada aqui. Além disso, Eni faz uma trajetória natural de explicitação das questões apontadas quando, apesar de ter como base o texto, pressupõe paralelamente a sua relação com a imagem e outras interferências no contexto de uso. Para a autora, a Análise do Discurso objetiva a contextualização dos usos, entendendo-se o discurso, no seu âmbito geral, como o uso da linguagem.

Eni define o discurso como a produção de sentidos a partir da linguagem (ORLANDI, 2007). Se a linguagem pode ser entendida como a mediação necessária entre o humano e a realidade natural e social, o discurso pode ser considerado como a forma de se realizar essa mediação, de acordo com os agentes e as circunstâncias específicas de uso da linguagem.

Sendo assim, a Análise do Discurso trabalha, diferentemente da linguística, com a linguagem não como um sistema fechado em si, mas em relação com a exterioridade. A Análise do Discurso considera, portanto, os processos e condições de produção da linguagem, seus sujeitos e as situações em que são produzidos os discursos, de modo a identificar os padrões que relacionam a linguagem ao seu contexto de uso, deixando claro, no próprio método, as fronteiras entre ambos os conceitos.

Para tanto, a Análise do Discurso congrega os estudos linguísticos com as ciências sociais, ao considerar que os sentidos são produzidos através do uso da linguagem, mas sem esquecer que isso ocorre dimensionado no tempo e no espaço das práticas humanas. Assim, a Análise do Discurso pretende ir além das análises puramente linguísticas.

Da articulação da linguística com as ciências sociais, tem-se que o discurso é um objeto sócio-histórico. E assim o é, porque os discursos são produtos ideológicos e refletem a forma de pensar dos sujeitos que os produzem, do mesmo modo que as ideologias dos grupos sociais inevitavelmente se manifestam no emprego de suas linguagens. Resulta daí a noção de que as ideologias se materializam nos discursos e os discursos se materializam nas linguagens, o que leva a uma relação inextricável entre linguagem, discurso e ideologia, pois, conforme PÊCHEUX apud ORLANDI (2007:17), 'não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia'. Consequentemente, nos discursos, ficam evidentes as relações entre linguagem e ideologia, uma

vez que os sentidos são produzidos através da linguagem por sujeitos que os emitem para outros sujeitos. Eni descreve um enquadramento teórico muito próximo ao da condição pós-moderna de Lyotard, em que essas relações já foram apresentadas aqui como inalienáveis da reflexão teórica.

Tendo o discurso como objeto, a Análise do Discurso estuda a linguagem em funcionamento para verificar como os sentidos são produzidos. Para a Análise do Discurso, a linguagem não é transparente; sendo assim, não é possível olhar através dos textos ou imagens para encontrar seus sentidos do outro lado. Muito pelo contrário, no entendimento da Análise do Discurso, os textos são opacos por possuírem materialidade simbólica e espessura semântica. Tendo isso em vista, mais do que realizar uma busca pelos seus significados, a Análise do Discurso tem o propósito de elucidar como a matéria-prima significa – como se dá esse fenômeno, já percebido então como fenômeno constitutivo da própria produção de conhecimento. Assim, ela gera um conhecimento a partir do discurso analisado, em vez de utilizá-lo como ilustração ou documento de um fato já previamente sabido.

Interdisciplinaridade

É importante ressaltar neste ponto que a Análise do Discurso na obra de Eni tem como bases teóricas mais evidentes a Linguística, as Ciências Sociais e a Psicologia. É preciso considerar que, para a Análise do Discurso, o sujeito de linguagem também é afetado, tanto pela linguagem que emprega quanto pelos condicionantes históricos que o circundam. Assim, esse sujeito discursivo funciona tanto pelo inconsciente quanto pela ideologia. Mais uma vez, encontramos uma afinidade com a noção de linguagem construída em cima do sujeito presente na obra de Lyotard, com os chamados *jogos de linguagem*.

Essa relação de afetação mútua entre sujeito, linguagem e história fica evidente na afirmação de ORLANDI (2007:20): 'As palavras simples do nosso cotidiano já chegam até nós carregadas de sentidos que não sabemos como se constituíram e que, no entanto, significam em nós e para nós.' Pode-se dizer que a materialização dos sentidos nos discursos é um amálgama de tais fatores que se determinam mutuamente, tornando impossível dizer exatamente como os sentidos foram estabelecidos, mas sabendo que em sua composição há um tanto de cada um desses ingredientes. Apontando então para sua dimensão inexoravelmente contextual, na qual a busca pelo *como* é aspecto necessário e indelével.

Pasolini enxerga também em sua *Pedagogia* um fluxo de constituição parecido, fluxo em que o processo é soberano. Dar visibilidade ao *como* se afina agora a uma nova abordagem da linguagem, para além da exclusividade do estudo linguístico. Pasolini afirma que seu trânsito da teoria para a ficção ou para a poética, e vice-versa, vem justamente da percepção da matéria-prima comum de ambas, a linguagem, e de suas dimensões enunciativas distintas, com potencialidades diferentes, expondo novos *comos*, que reapresentam questões da linguagem de uma área para a outra. Tendo sua atenção voltada ao aspecto processual do discurso, a escrita da teoria se complementa no exercício ficcional e poético de uma maneira contígua, em que certas categorias teóricas só podem ser concluídas com sua experimentação final na produção de imagem ou movimento. Assim também, como em uma pesquisa-intervenção, certas experimentações imagéticas e ficcionais só terão sentido se vinculadas à sua reflexão teórica, estabelecendo assim um *curto-circuito* epistemológico que encontra no discurso sua matriz de análise e na sua mutabilidade de aplicações a lucidez do contexto, dos usos e desdobramentos.

Anteriormente, definiu-se o discurso de maneira geral como o uso da linguagem, o que engloba, conforme tudo o que foi discutido até aqui, a própria linguagem, os sujeitos que a utilizam, as circunstâncias e os modos de empregá-la. Para realçar as dimensões linguísticas, históricas e psicológicas que geram os sentidos presentes nos discursos, o discurso em si pode ser mais especificamente definido como o 'efeito de sentidos entre locutores', conforme ORLANDI (2007:21).

Dispositivos de análise

Em sua busca por esse *sentido*, e preocupado em observar nele sua dimensão contextual, a Análise do Discurso conta com o amparo teórico da teoria da sintaxe e da enunciação, da teoria da

ideologia, da própria teoria do discurso, que se fia na determinação histórica dos processos de significação, e da teoria psicológica do sujeito. São essas bases teóricas que sustentam os dispositivos que o analista de discurso pode empregar com diferentes associações para proceder ao exame dos fatos empíricos, das manifestações materiais dos discursos, tais como textos, pronunciamentos, livros, pinturas, músicas etc.

O primeiro desses dispositivos de análise é o **dispositivo de interpretação**.

A Análise do Discurso tem como princípio metodológico o questionamento da interpretação. Não objetiva, como já foi dito, saber simplesmente o que significam os discursos – o verdadeiro sentido deles, como faz a hermenêutica –, e sim compreender como os artefatos simbólicos produzem sentidos e como funcionam nestes os processos interpretativos, voltando ao tal *como* de Pasolini. Entendendo-se como ocorrem os processos de significação nos discursos, é possível identificar outros sentidos ali presentes e a maneira como estes se formam. Em busca desse entendimento, o que a Análise do Discurso propõe é um exame minucioso dos próprios gestos de interpretação, com o intuito de visualizar nitidamente a relação existente entre sujeitos e sentidos. Para que essa análise se efetive, faz-se uso do dispositivo de interpretação.

Preocupada em descrever instrumentos de aplicação no campo, Eni descreve que o dispositivo de interpretação pode ser entendido como o método do qual o analista do discurso lançará mão para entender a produção de sentidos nos materiais examinados. Para efeito de melhor explicitação do método da Análise do Discurso, pode-se dividir o dispositivo em dois: o **dispositivo teórico** e o **dispositivo analítico**.

O dispositivo teórico consiste de todas as formulações teóricas que amparam a análise. A diversidade de formulações conceituais e as possibilidades de abordagem desse material já apontam nessa dinâmica uma grande maleabilidade dos processos e, no entanto, uma total implicação entre teoria e método. Assim, emergem contribuições como os trabalhos desenvolvidos nesse texto e que são um exame do discurso de produtos diversificados de design e, por conseguinte, onde se lança mão de teorias também distintas, gerando caminhos próprios de análise e conduções específicas. É por intermédio do dispositivo teórico que se efetiva a mediação entre descrição e interpretação no exame dos materiais colhidos.

O dispositivo analítico é o dispositivo teórico recortado e adaptado para o uso do analista no exame do material a ser investigado. Ele é conformado pela questão proposta pelo analista, pela natureza do material a ser examinado e pela finalidade da análise. É a questão de pesquisa que determina a construção do dispositivo analítico através da mobilização de conceitos e da escolha de procedimentos que irão contribuir para a sua resolução. A análise será efetivada a partir dos conceitos e procedimentos selecionados e, em função destes, será obtida uma compreensão dos processos discursivos e sentidos presentes nos objetos simbólicos analisados. Assim, é o dispositivo analítico o que garante o rigor da aplicação do método e o que determina o alcance das conclusões derivadas da análise. É onde a especificidade e dinâmica de contextualização são consolidadas.

O que vale ressaltar aqui é que o dispositivo teórico encampa o dispositivo analítico. Assim, a partir de um mesmo dispositivo teórico, é possível estabelecer diversos dispositivos analíticos, e cada um levará a conclusões diferentes. Tal fato não implica dizer que uma conclusão é melhor que a outra, mas sim que diferentes aproximações do problema alcançam pontos mais superficiais ou profundos do material analisado, trazendo informações que podem ser cruzadas, comparadas ou somadas de modo a se gerar um conhecimento mais amplo do objeto simbólico investigado. Ao mesmo tempo, permitindo dar conta do hibridismo cultural, maior desafio da dimensão discursiva contemporânea.

3 Conclusão

O método de Eni, a dimensão histórica do campo trazida por Souza e a contextualização da produção de conhecimento de Lyotard deixam clara a pertinência da Análise do Discurso para o campo do Design, demonstrando a sua dimensão ontologicamente híbrida. O presente estudo não desconsidera outras abordagens teóricas que privilegiam, ou melhor, dão exclusividade ao aspecto textual do discurso, mas consegue evidenciar um referencial possível para a abordagem da mescla de linguagens presente no discurso da pós-modernidade, que é objeto de estudo na trajetória histórica do Design.

4 Referências

BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas, Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1996.

LYOTARD, Jean-François. *A Condição Pós-moderna*. Rio de Janeiro, Editora José Olympio, 1979.

ORLANDI, Eni P.. *Análise de Discurso – Princípios e Procedimentos*. São Paulo, Pontes, 2007.

PASOLINI, Pier Paolo. *Os Jovens Infelizes - Antologia de Ensaaios Corsários*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1990.

SOUZA, Pedro Luiz P.. *Notas para uma História do Design*. Rio de Janeiro, 2AB, 1997.